

INTRODUÇÃO

A proposta da ação empreendedora tem sido um tema recentemente abordado e efetivamente aplicado nas últimas décadas para o aspecto pedagógico, considerando o grande histórico do agente empreendedor na construção de negócios que movimentaram a economia mundial através dos tempos.

Este trabalho apresenta em seu bojo a priori, a pesquisa sobre a temática do empreendedorismo voltado para o ensino pedagógico, através da visão de diversos autores, onde especifica-se com clareza e objeção as características do empreendedor. Em um segundo momento, serão encontrados os eixos da pedagogia e suas vertentes, apresentadas com a preocupação de associá-las a educação formal e informal, juntamente com as contribuições comportamentalistas e as características mais comumente atribuídas aos empreendedores.

A educação empreendedora é um dos mecanismos encontrados para a criação de um ambiente que estimule comportamentos sociais voltados para o desenvolvimento da capacidade de geração do próprio trabalho. O desafio desta educação empreendedora é construir um ambiente favorável à criação de uma cultura empreendedora, que passa pela formação de agentes de estímulo ao empreendedorismo.

No terceiro momento relata-se o desenvolvimento de um projeto aplicado em uma comunidade na área periférica do município de Itaituba, denominada Bairro da Paz, onde as características estruturais não propiciavam com que às pessoas ali inseridas, para que as mesmas criassem expectativas voltadas para a inovação. Contudo o empenho acadêmico direcionado para a ação social, implementou atitudes positiva quanto ao desafio empreendedor, onde através da oficina de pintura pode-se desenvolver neste ambiente a meta e os objetivos da proposta empreendedora, no intuito de introduzir tal cultura para essa comunidade.

Tais oportunidades devem ser atribuídas a uma dinâmica auto-geradora de trabalho, visando estratégias específicas ao propósito de incentivar o empreendedorismo como importante alternativa de desenvolvimento econômico e social. Sendo assim a educação como mediadora nesse processo de ensino-aprendizagem é responsável por introduzir o empreendedorismo nas diferentes esferas da educação tradicional, transformando ambientes, conteúdos e, principalmente, formas de relacionamento entre o aprendiz, o mestre e o ambiente.

I. DIMENSÃO HISTÓRICA DO EMPREENDEDORISMO

1.1– EMPREENDEDORISMO E EMPREENDEDORES

Em 1800, o economista francês Jean Batist Say, considerado o pai do empreendedorismo, utilizou o termo empreendedor no livro Tratado de Economia Política. Segundo Say (apud DRUCKER, 1987, p. 27), “o empreendedor transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento”.

SCHUMPETER (1959) por sua vez, definiu o empreendedor como sendo o agente do processo de “destruição criativa”, entendido como o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista, constantemente criando novos produtos, novos mercados e sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros, revolucionando sempre a estrutura econômica, destruindo sem cessar a antiga e, continuamente, criando uma nova. Tal impulso implica a criação de novos bens de consumo, a adoção de novos métodos de produção ou transporte, o surgimento de novos mercados e as novas formas de organização que a empresa capitalista cria.

DRUCKER (1987) diz que o empreendedor é aquele que cria algo novo, algo diferente, é aquele que muda ou transforma “valores” e, ainda, pratica a inovação sistematicamente, buscando fontes de inovação e criando oportunidades.

Empreendedorismo significa protagonismo social, ruptura de laços de dependência, crença dos indivíduos e das comunidades na própria capacidade de construir o seu desenvolvimento pela cooperação entre os diversos âmbitos político-sociais que a caracterizam. Em poucas palavras: assumir a responsabilidade pela construção de seu próprio destino. (FRANCO, 2000 *apud* DOLABELA 2003 p. 32)

Segundo DORNELLAS (2005 p.21), os empreendedores são pessoas diferenciadas, que possuem motivação singular, apaixonadas pelo que fazem não se contentam em ser mais um na multidão, querem ser reconhecidas e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado. Uma vez que os empreendedores estão revolucionando o mundo, seu comportamento e o próprio processo empreendedor devem ser estudados e entendidos.

Conforme JUSTUS (2007) Empreender é um sistema. Como construir [...], Empreender, por definição significa “fazer algo” – e em sua acepção mais abrangente o empreendedorismo representa a verdadeira máquina propulsora do desenvolvimento econômico, permitindo que o sistema se renove e progrida constantemente.

Segundo BARRETO (1998) empreendedorismo é a habilidade de se conceber e estabelecer algo partindo de muito pouco ou quase nada. O autor não atrela esta capacidade a uma característica de personalidade, já que considera o empreendedorismo como um comportamento ou processo voltado para a criação e desenvolvimento de um negócio que trará resultados positivos. Em outras palavras, empreender é conseguir criar valor através do desenvolvimento de uma empresa.

Para SHAPERO, apud URIARTE (1999, p. 49) o empreendedor é “alguém que toma a iniciativa de reunir recursos de uma maneira nova ou para reorganizar recursos de maneira a gerar uma organização relativamente independente, cujo sucesso é incerto”.

KAUFMANN (1990) enfatiza que a capacidade empreendedora está na habilidade de inovar, de se expor à risca de maneira inteligente, e de se ajustar às rápidas e contínuas mudanças do ambiente de forma rápida e eficiente.

De acordo com FILION (1999) um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões, além de ser uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos, mantendo um nível de consciência do ambiente em que vive e utilizando-o para detectar oportunidades de negócios.

Considerado pela teoria econômica clássica como uma "força externa" [...] o empreendedor passou a ser acatado como o principal ator do desenvolvimento econômico [...], voltou o foco de sua teoria para o tripé “empreendedor, inovação e crescimento econômico”. A partir de então, foi desvelado um segredo que tem a idade da civilização: a capacidade do ser humano de ser protagonista do próprio destino, de agir intencionalmente para modificar sua relação com o outro e com a natureza e de se recriar constantemente. (DOLABELA, 2003 p. 35)

O empreendedorismo vem para apresentar o indivíduo inovador, aquele capaz de concretizar seus sonhos, como se a realidade fosse uma projeção da mente (SEBRAE, 2005).

Partindo destas concepções, percebe-se que o empreendedor é aquele que acredita que a criatividade sempre deverá estar aliada à inovação. A criatividade tem

mais haver com a imaginação, a invenção, a intuição, a inspiração, a iluminação e a originalidade de indivíduos ou grupo de indivíduos, enquanto que a inovação tem sido mais utilizada no contexto organizacional que é composto por indivíduos ou grupo de indivíduos.

A ação do empreendedor não se restringe à interação técnica com o seu objeto de trabalho, mas envolve relações multiformes com a realidade. Sendo assim, os conhecimentos que deve assimilar não podem ser restritos a apenas os conteúdos científicos e técnicos. O saber é útil ao empreendedor, e diz respeito também à capacidade de representar a realidade de forma diferenciada e ao grau de conveniência entre seu próprio eu e a realidade individualmente construída. Quanto mais harmônica forem essas últimas relações, maior o grau de confiança e a ação empreendedora estará acrescida de dinamismo e motivação.

Há muitas definições do termo empreendedor, principalmente, porque são propostas por pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, que utilizam os princípios de suas próprias áreas de interesse para construir o conceito. Duas correntes principais tendem, no entanto, a conter elementos comuns à maioria delas. São as dos pioneiros do campo: os economistas de corte liberal, que associaram empreendedor à inovação, e os psicólogos, que enfatizam aspectos atitudinais, como a criatividade e a intuição. Em um primeiro momento, os economistas identificaram no empreendedorismo um elemento útil à compreensão do desenvolvimento. Depois, os comportamentalistas tentaram compreender o empreendedor como pessoa. Atualmente, o assunto está em processo de expansão para quase todas as disciplinas.

Empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship*, sendo utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação.

Para DOLABELA (1999,p. 43), a palavra empreendedor é utilizada para designar principalmente a pessoa que se “dedica à geração de riqueza, seja na transformação de conhecimentos em produtos ou serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação em áreas como marketing, produção, organização, etc.”.

Inicialmente, é interessante entender a origem do termo. DOLABELA (1999, p. 47) afirma que a expressão *empreendedorismo*, que teria sido popularizado a

partir de textos escritos em língua inglesa, teria origem na palavra francesa *entrepreneur*. Ao que parece, Dolabela comete um equívoco etimológico. Na verdade, *empreendedorismo* ou *empreendedor* são substantivos derivados do verbo *empreender* que, por sua vez, tem sua origem na forma verbal latina *imprehendo* ou *impraehendo* que significa “tentar executar uma tarefa”.

Segundo FILION (2000), aqueles que pesquisam sobre o assunto concordam em dizer que a origem desse conceito está nas obras de Richard Cantillon (1680-1734), banqueiro e economista do século XVIII. O interesse de Cantillon pelos empreendedores não era um fenômeno isolado no período. Tal interesse harmonizava-se com o ideário dos pensadores liberais da época que exigiam, entre outras coisas, liberdade plena para que cada um pudesse tirar o melhor proveito dos frutos de seu trabalho. Nessa época, Cantillon chamou de empreendedores àqueles indivíduos que compravam matérias-primas (geralmente um produto agrícola) por um preço certo e as vendiam a terceiros a preço incerto, depois de processá-las, pois identificava uma oportunidade de negócio e assumiam riscos.

O autor entendia, no fundo, que se houvera lucro além do esperado, isto ocorreria porque o indivíduo havia inovado: fizera algo de novo e de diferente.

Um pouco mais tarde, o industrial, economista clássico francês e divulgador da obra de Adam Smith, Jean-Baptiste Say (1767-1832) — autor da célebre Lei de Say — considerou o desenvolvimento econômico um resultado da criação de novos empreendimentos. Professor do *Cóllege de France*, Say elaborou uma teoria das funções do empresário e atribuiu-lhe um papel de especial importância na dinâmica de crescimento da economia. O empresário de Say é um agente econômico racional e dinâmico que age num universo de certezas, ou ainda, o empresário é representado como aquele que, aproveitando-se dos conhecimentos postos à sua disposição pelos cientistas, reúne e combina os diferentes meios de produção para criar produtos úteis. (FILION, 1999).

É necessário avaliar com cuidado a crença popular de que o empreendedorismo surgiu só das ciências econômicas. É importante uma leitura atenta dos dois primeiros autores normalmente identificados como pioneiros no campo — Cantillon (1680-1734) e Say (1767- 1832) — pois, Cantillon e Say não estavam interessados apenas em economia.

DRUCKER (1987) retrata de forma bastante precisa o conceito de empreendedor elaborado por Say, ao atribuir-lhe o papel de transferir recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento, possibilitando, desse modo, uma maior

eficiência e eficácia à economia, alcançando, sobretudo, o equilíbrio financeiro da sua empresa e o máximo de lucros e de vendas.

A concepção que Say tinha do empreendedor — alguém que inova e é agente de mudanças — permanece até hoje. Mas foi Schumpeter (1883-1950) quem deu projeção ao tema, associando definitivamente o empreendedor ao conceito de inovação e apontando-o como o elemento que dispara e explica o desenvolvimento econômico. Entretanto, os economistas que se interessam pelos empreendedores não pertencem ao corpo central do pensamento econômico.

De acordo com a visão schumpeteriana, o desenvolvimento econômico processa-se auxiliado por três fatores fundamentais: as inovações tecnológicas, o crédito bancário e o empresário inovador. O empresário inovador é o agente capaz de realizar com eficiência as novas combinações, mobilizar crédito bancário e empreender um novo negócio. O empreendedor não é necessariamente o dono do capital (capitalista), mas um agente capaz de mobilizá-lo. Da mesma forma, o empreendedor não é necessariamente alguém que conheça as novas combinações, mas aquele que consegue identificá-las e usá-las eficientemente no processo produtivo.

SCHUMPETER (1982) define as “novas combinações” como as empresas, e os indivíduos capazes de realizá-las como “empreendedores”. Assim, o empreendedor não é o gerente ou diretor da firma que dirige um negócio estabelecido, mas um líder que toma iniciativa tem autoridade e faz previsão.

Outra importante contribuição para o estudo do empreendedorismo foi dada por David McClelland (1917-1998), psicólogo da Universidade de Harvard que desenvolveu a concepção de um paradigma comportamental do perfil do empreendedor, estabelecendo, nesse sentido, uma segmentação da sociedade em dois grandes grupos quanto à percepção e ao enfrentamento de desafios e oportunidades. O primeiro grupo corresponde a uma parcela mínima da população que se sente disposta a enfrentar desafios e, conseqüentemente, empreender um novo negócio; já a imensa maioria da população não se dispõe a enfrentar riscos desta natureza.

Nesse sentido, Schumpeter também tinha um pensamento muito parecido com o de McClelland. Apesar de inúmeras críticas a McClelland (FILION, 1999), este estudioso proporcionou contribuições nas discussões sobre o tema, pois tentou mostrar que os seres humanos tendem a repetir seus modelos, o que, em muitos

casos, tem influência na motivação para alguém ser empreendedor. A conclusão que se pode tirar daí é que quanto mais o sistema de valores de uma sociedade distinguir positivamente a atividade empreendedora, maior será o número de pessoas que tenderão a optar por empreender.

... se tudo for igual, quanto mais empreendedores uma sociedade tiver e quanto maior for o valor dado, nessa sociedade, aos modelos empresariais existentes, maior será o número de jovens que optarão por imitar esses modelos, escolhendo o empreendedorismo como uma opção de carreira. (FILION, 1999, p. 9).

Para DOLABELA (1999) tudo indica que o empreendedorismo — mesmo na era da globalização — é um fenômeno regional, na medida em que a cultura, as necessidades e os hábitos de uma região determinam comportamentos.

PEREIRA e SANTOS (1995) configuram o empreendedorismo como um dos modelos de gestão que se destacam neste período de transição e de emergência de novos paradigmas. A caracterização do empreendedorismo como um novo modelo de gestão adequado aos novos paradigmas (econômicos, políticos, sociais, tecnológicos, culturais, etc.) é evidenciada pela crescente produção literária, notadamente a partir da segunda metade dos anos 80. Talvez isto se explique pela significativa participação das pequenas empresas no PIB dos países, o que intensificou a pesquisa sobre o tema.

Os economistas consideravam o empreendedor como um elemento útil à compreensão do desenvolvimento. Os comportamentalistas já identificavam o empreendedor como pessoa.

Atualmente, o campo está em processo de expansão para quase todas as disciplinas. Assim, como campo de estudo acadêmico, o empreendedorismo é muito novo. Considera-se que ainda está em fase pré-paradigmática e que demorará muito tempo para atingir uma base científica, apesar de ser um campo efervescente em termos de pesquisas e publicações.

Embora empreendedorismo seja um tema amplamente discutido nos dias atuais, seu conteúdo, ou seja, o que ele representa, varia muito de um lugar para outro, de país para país, de autor para autor.

Isso porque, embora tenha se originado a partir de pesquisas em economia, o empreendedorismo recebeu fortes contribuições da psicologia e da sociologia, o

que provocou diferentes definições para o termo e, como conseqüência, variações em seu conteúdo.

Ainda no que se refere aos diferentes significados de empreendedorismo, assim como no que diz respeito a sua origem, considera-se significativo expor o parecer de diferentes dicionários da língua portuguesa e seus respectivos autores, onde, AURÉLIO (1999) afirma que Empreendedor é aquele que empreende; ativo, arrojado, cometedor. Já para LAROUSSE (1983 apud Pinheiro 2001) empreendedor é o chefe de uma empresa especializada na construção, nos trabalhos públicos, nos trabalhos de habitação. Pessoa que, perante contrato de uma empresa, recebe remuneração para executar determinado trabalho ou auferir lucros de uma outra pessoa, chamada mestre-de-obras.

Segundo ROBERT (1963 apud PINHEIRO 2001), afirma que empreendedor é aquele que empreende qualquer coisa. Pessoa que se encarrega da execução de um trabalho por contrato empresarial. Toda pessoa que dirige um negócio por sua própria competência e que coloca em execução os diversos fatores de produção, tendo em vista vender os produtos ou serviços. Na concepção de WEBSTER (idem (1997 apud PINHEIRO 2001) é a pessoa que organiza e gere um negócio, assumindo o risco em favor do lucro. Ao verificar o DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (SILVA 1964). "O termo empreendedor denota a pessoa que exercita total ou parcialmente as funções de: iniciar, coordenar, controlar e instituir maiores mudanças no negócio da empresa; e/ou assumir os riscos nessa operação, que decorrem da natureza dinâmica da sociedade e do conhecimento imperfeito do futuro, e que não pode ser convertido em certos custos através de transferência, cálculo ou eliminação."

Nos últimos anos, passou a existir muito espaço para as pessoas que queiram estudar e tornar-se especialistas no campo do empreendedorismo. Pode-se até mesmo dizer que existe, hoje, um ramo de pesquisa denominado "empreendedorismo".

Muitas pesquisas nesta área tiveram como foco as características pessoais do indivíduo empreendedor: os economistas associando o empreendedor com a inovação, enquanto os psicólogos e sociólogos concentrando-se nos aspectos ligados à criatividade e intuição.

1.2. PENSADORES DO EMPREENDEDORISMO

De acordo com a pesquisa realizada na página eletrônica EMPREENDEDORISMO.COM.BR (2008) aborda inúmeras idéias acerca do empreendedorismo, de forma que além de apresentar vários autores sobre o tema, traz uma gama de idéias que contribuem quanto ao esclarecimento do tema em questão. Inicia-se com AITKEN (1963 apud PINHEIRO 2001). , para ele empreender significa idéia de inovação. "...As características convencionalmente associadas com empreendimento - liderança, inovação, risco, etc. - estão associadas ao conceito, precisamente porque, em uma cultura altamente comercializada como a nossa, elas são características essenciais da efetiva organização dos negócios. Pela mesma lógica, em uma cultura diferentemente orientada, as características típicas de um empreendimento diferem". "...contudo, por definição, empreendedorismo sempre envolve, explícita ou implicitamente, a idéia de inovação" (1965).

Nesse sentido, BAUMOL (1968): o ato de empreender é o mesmo que inovar e liderar. O empreendedor (queira ou não, também exerce a função de gerente) tem uma função diferente. É seu trabalho localizar novas idéias e colocá-las em prática. Ele deve liderar talvez ainda inspirar; ele não pode deixar que as coisas se tornem rotineiras e, para ele, a prática de hoje jamais será suficientemente boa para amanhã. Em resumo, ele é inovador. Ele é o indivíduo que exercita o que na literatura da administração é chamado de "liderança...", mesmo não estando presente, ele é percebido como se estivesse.

Dando continuidade a essa linha de pensamento, BELSHAW (1955 apud PINHEIRO, 2001) considera empreendedorismo como iniciativa. "Um empreendedor é alguém que toma a iniciativa nos recursos administrativos". Nessa perspectiva, BRERETO afirma que empreender é inovação, promoção. "Empreendedorismo - a habilidade de criar uma atividade empresarial crescente onde não existia nenhuma anteriormente" (1974 apud PINHEIRO 2001)).

Prosseguindo, para CASSON (1982): economicidade. "Um empreendedor é alguém que se especializa em tomar decisões determinantes sobre a coordenação de recursos escassos". Esta mesma obra literária aponta DRUCKER afirmando que

empreendedorismo é prática; visão de mercado; evolução. "O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente" (1974). "Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática." Ainda nessa corrente de pensamento pode-se citar FILION: fixação de objetivos; uso das oportunidades. "Um empreendedor é uma pessoa imaginativa, caracterizada por uma capacidade de fixar alvos e objetivos. Esta pessoa manifesta-se pela perspicácia, ou seja, pela sua capacidade de perceber e detectar as oportunidades. Também, por longo período, ele continua a atingir oportunidades potenciais e continua a tornar decisões relativamente moderadas, tendo em vista modificá-las; esta pessoa continua a desempenhar um papel empresarial" (1999).

O ato de empreender é o mesmo que efetivar práticas estratégicas e inovadoras. Um empreendimento empresarial é aquele cujos principais objetivos são lucratividade e crescimento. Um negócio é caracterizado pelas práticas estratégicas inovativas. Um empreendedor é um indivíduo que estabelece e gera um negócio com a principal intenção de lucro e crescimento. O empreendedor é caracterizado, principalmente, pelo comportamento inovativo e empregará práticas estratégicas de gerenciamento no negócio" (CARLAND 1984).

JASSE, outro pensador que escreve sobre empreendedorismo diz "...Pode-se definir mais simplesmente empreendedorismo como a apropriação e a gestão dos recursos humanos e materiais dentro de uma visão de criar, desenvolver e implantar resoluções permanentes, de atender às necessidades dos indivíduos" (1982 apud PINHEIRO 2001). "...O espírito empresarial se traduz por uma vontade constante de tomar as iniciativas e de organizar os recursos disponíveis para alcançar resultados concretos" (1985). Corroborando essa idéia, HORNDAY afirma que empreender é realização; independência; liderança. "Comparados aos homens em geral, os empreendedores estão significativamente em maior escala, refletindo necessidade de realização, independência e eficiência de sua liderança, e estão, em menor escala, refletindo ênfases nas necessidades de manutenção" (1970 apud PINHEIRO 2001). Nesse sentido, HORNDAY and BUNKER escrevem que empreender é a identificação de oportunidades. SMITH (1967 apud PINHEIRO 2001) refere-se a dois tipos de empreendedores: o empreendedor profissional (ou artesanal) e o empreendedor que identifica oportunidades. Os primeiros são limitados em termos de bagagem cultural e engajamento social; os últimos são de

um maior grau de instrução e de engajamento social e são mais agressivos no desenvolvimento e expansão da companhia" (1970).

Outro autor que considera-se importante mencionar é JULIEN (BIBLIOGRAPH) para ele empreendedorismo é confiança; inovação; conhecimento. O empreendedor é aquele que não perde a capacidade de imaginar, tem uma grande confiança em si mesmo, é entusiasta, tenaz, ama resolver problemas, ama dirigir, combate a rotina, evita constrangimentos. É aquele que cria uma informação interessante ou não do ponto de vista econômico (inovando em relação ao produto, ou ao território, ao processo de produção, ao mercado...) ou aquele que antecipa sobre esta informação (antes dos outros ou diferentemente dos outros). É aquele que reúne e sabe coordenar os recursos econômicos para aplicar, de modo prático e eficaz sobre um mercado, a informação que ele conhece a fundo. Ele o faz, primeiro, em função das vantagens pessoais, tais como prestígio, ambição, independência, o jogo, o poder sobre si e sobre a situação econômica e, em seguida, o lucro, etc. (1986). KETS DE VRIES concorda com JULIEN ao dizer que empreender é inovação, todavia o mesmo acrescenta ainda que é também gerenciamento, risco. "...O empreendedor satisfaz a um número de funções que podem ser resumidas em inovação, gerenciamento, coordenação e risco" (1977).

"Empreendedores parecem ter uma realização orientada, como a de assumir a responsabilidade por decisões, e não gostam de trabalhos repetitivos e rotineiros. Os empreendedores criativos possuem um alto nível de energia e um ótimo grau de perseverança e imaginação, que combinam com a espontaneidade de assumir riscos moderados e calculados, possibilitando-lhes transformar o que freqüentemente começou com uma simples e mal definida idéia em algo concreto. Empreendedores também podem gerar um entusiasmo altamente contagioso dentro de uma organização. Eles programam um senso de propósito e, fazendo isso, convencem os outros de que eles estão onde está a ação" (**Kets De Vries** 1985).

Nesta mesma abordagem bibliográfica encontra-se KIERULFF, apontando empreendedorismo como visão generalista. "...há evidências que as características empresariais e comportamentais podem ser desenvolvidas"...O empreendedor é, acima de tudo, um generalista - ele deve saber um pouco sobre tudo" (1975). Nesse aspecto, KOMIVES vê o empreendedor como pioneiro; inovador. "...é alguém que inicia um negócio onde, geralmente, não existia ninguém antes dele". "Empreendedorismo realmente se refere às pessoas que desejam adentrar-se em uma nova empreitada e se construir sobre ela". O pensador LANCE

ratifica ao considerar o empreendimento como a convergência de propósitos. "...uma pessoa que congrega risco, inovação, liderança, vocação artística, habilidade e perícia profissional em uma fundação sobre a qual constrói um time motivado. Esse grupo de seres humanos, às vezes sem se conhecerem previamente, desenvolvem uma nova empresa" (1986 apud PINHEIRO 2001)).

Continuando, LYNN (PINHEIRO 2001) vê o empreendedorismo como criatividade. "...O empreendedor é também alguém criativo no sentido de que tenha de criar um novo produto ou serviço na imaginação e, então, deve ter energia e auto-disciplina de transformar a nova idéia em realidade". Já MANCUSO (1974), diz que é promoção; prosperidade. "Um empreendedor é a pessoa que cria uma empresa próspera do nada" .

MCCLELLAND (1972) afirma ser economicidade; viabilidade. "Alguém que exercita controle sobre os meios de produção e produtos, e produz mais do que consome a fim de vendê-los (ou trocá-los) pelo pagamento ou renda".

Nesse sentido, PALMER concebe o empreendedorismo como risco calculado. "...tomar decisões sob diversos graus de incerteza vem a ser uma característica fundamental do empreendedorismo" (1971).

Segundo ROSENBERG (1967) empreender é a capacidade de correr risco. Empreendedor: "Alguém que assume o risco financeiro da iniciação, operação e gerenciamento de um dado negócio ou empresa". SAY também é mencionado dizendo que empreendedorismo é discernimento; perseverança. "...Um empreendedor... Para ter sucesso, ele deve ter capacidade para julgar, perseverança e um conhecimento do mundo tanto quanto do negócio. Ele deve possuir a arte de superintendência e administração" (1803).

SCHUMPETER, célebre autor sobre empreendedorismo aparece no respectivo texto literário afirmando que empreendedorismo é inovação. "Sempre enfatizei que o empreendedor é o homem que realiza coisas novas e não, necessariamente, aquele que inventa" (1982). Inovação como critério para o empreendedorismo: "Empreendedorismo, como definido, consiste essencialmente em fazer coisas que não são geralmente feitas em vias normais da rotina do negócio; é essencialmente um fenômeno que vem sob o aspecto maior da liderança. Mas esta relação entre empreendedorismo e liderança geral é uma relação muito complexa." SCHWARTS continua, ao escrever que empreendedorismo é independência; identificação de oportunidades. "Empreendedor: um inventor, um

mercador, ou simplesmente alguém que busca independência, que usa uma oportunidade para desenvolver seus talentos para fundar uma nova companhia".

SHAPIRO aparece na obra supra citada declarando que empreender é iniciativa; transformação; risco. "Em quase todas as definições de empreendedorismo há um consenso de que nós estamos falando de um tipo de comportamento que inclui tomada de iniciativa, organização ou reorganização de mecanismos sócio-econômicos para transformar recursos e situações em contatos práticos, aceitação do risco e fracasso. O principal recurso usado pelo empreendedor é ele mesmo..." (1975). SIRÓPOLIS (PINHEIRO 2001) segue considerando empreendedorismo como crença; realização; pioneirismo. "Hoje tomamos como definição o termo empreendedor. Ele sugere espírito, zelo, idéias. Contudo, temos a tendência de usar a palavra livremente para descrever qualquer um que dirige um negócio, por exemplo, para a pessoa que preside a General Motors ou possui uma banca de frutas, ou a pessoa que é dona do McDonald's (franquia) ou vende assinaturas de revistas. Antes a palavra empreendedor gozava de um significado mais puro, mais preciso. Descrevia apenas aqueles que criaram seus próprios negócios, aqueles como Henry Ford."

O autor STACEY também é mencionado ao contemplar o empreendedorismo como flexibilidade; determinação. "Certamente, no início de sua carreira, o maior dom de um empresário tradicional é sua habilidade de explorar inúmeros caminhos para assegurar o seu sucesso, sem se tornar desanimado pelo fracasso ao longo do percurso; um dos seus dons é diminuir suas perdas rapidamente; e um outro é levantar-se, sacudir a poeira e tentar novamente" (1992).

Nessa mesma abordagem encontram-se STEVENSON and GUMPERT dizendo que empreendedorismo é direcionamento, flexibilidade, tenacidade. "Um Raio X da organização empresarial revela essas características dinâmicas: encorajamento da imaginação dos indivíduos; flexibilidade; e voluntariedade em aceitar riscos" (1985).

Para LEZANA (2000), um aspecto importante para caracterizar o empreendedor é sua capacidade e estilo para resolver problemas. Uma das formas de caracterizá-los é a identificação de dois perfis, Adaptadores e Inovadores. Estes perfis devem ser relacionados com alguns aspectos que sejam facilmente percebidos, sejam eles:

- Estratégia: forma utilizada para enxergar e enfrentar os problemas;
- Resultados: tipo de solução gerada a partir das estratégias adotadas;
- Preferências: tipo de situações em que os indivíduos estão motivados a se envolver;
- Adaptação: maneira como os diferentes indivíduos se desenvolvem numa determinada situação, em relação às normas e procedimentos, e
- Imagem: percepção que um indivíduo classificado num estilo tem de outro estilo oposto.

Assim, a principal atividade do empreendedor é conhecer e entender mercados, identificar oportunidades de negócios, estabelecer metas e objetivos, projetar cenários. O elemento que deseja estimular este desenvolvimento deve levar em conta no processo de educação estas características. É importante ressaltar que os indivíduos não só podem montar um novo negócio, mas também fazer de sua própria profissão um empreendimento, abrindo uma nova ótica de tratamento do trabalho pessoal.

De forma genérica, empreendedorismo costuma ser definido como o processo pelo qual indivíduos iniciam e desenvolvem novos negócios (LOW E MACMILLAN, 1988).

Segundo a definição de SCHUMPETER (1983), desenvolvida dentro de um amplo contexto econômico, "empreendedorismo envolve qualquer forma de inovação que tenha uma relação com a prosperidade da empresa". De acordo com esse autor, um empreendedor tanto pode ser uma pessoa que inicie sua própria empresa, como alguém comprometido com a inovação em empresas já constituídas. O ponto principal dessa definição é que o empreendedorismo, em empresas novas ou já há algum tempo estabelecidas, é o fator que permite que os negócios sobrevivam e prosperem num ambiente econômico de mudanças. Esse autor concebe o empreendedorismo como um processo contínuo: conforme novas oportunidades apareçam na economia, os indivíduos com visão empreendedora as percebem e as exploram.

1.3. A HISTÓRIA DO EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

A promoção do desenvolvimento da prática empreendedora, inclusive pelas Políticas Públicas, intensificou-se no Brasil a partir da década de 90, durante a abertura da economia. O elevado índice de mortalidade das empresas e o

desemprego são determinantes para essa iniciativa. O crescimento econômico e a melhoria das condições sociais dependem da capacidade que as pessoas têm em assumir riscos, desejarem algo diferente e agirem em consonância com as suas habilidades.

A entrada de produtos importados ajudou a controlar os preços, uma condição importante para o país voltar a crescer, mas trouxe problemas para alguns setores que não conseguiam competir com os importados, como foi o caso dos setores de brinquedos e de confecções, por exemplo. Para ajustar o passo com o resto do mundo, o país precisou mudar.

Empresas de todos os tamanhos e setores tiveram que se modernizar para poder competir e voltar a crescer. O governo deu início a uma série de reformas, controlando a inflação e ajustando a economia, em poucos anos o País ganhou estabilidade, planejamento e respeito. A economia voltou a crescer. Só no ano 2000, surgiu um milhão de novos postos de trabalho. Investidores de outros países voltaram a aplicar seu dinheiro no Brasil e as exportações aumentaram. Juntas essas empresas empregam cerca de 40 milhões de trabalhadores. (WIKIPÉDIA, 2008)

De acordo com DORNELAS (2005, p. 26), “o movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma na década de 1990, quando entidades como SEBRAE e SOFTEX foram criadas”.

O mesmo autor destaca algumas ações que também contribuíram para o crescimento da prática do empreendedorismo no Brasil: os programas SOFTEX e GENESIS que apoiavam atividades de empreendedorismo em *software*, o programa Brasil Empreendedor, do Governo Federal, dirigido à capacitação de mais de 6 milhões de empreendedores em todo o país, como o programa Jovem Empreendedor do SEBRAE, entre outros.

Hoje, com a redução dos postos formais de trabalho que se identifica no Brasil, o empreendedorismo passa a ser visto como uma opção de carreira e uma forma de absorver os diplomados que não conseguem se colocar no mercado de trabalho (FORUM..., 2005). Identifica-se, portanto, a necessidade de criação de um novo perfil profissional, destinado a ocupar um espaço capaz de canalizar este desejo empreendedor dos brasileiros, cabendo às instituições educadoras e, mais especificamente, aos educadores, contribuir para o desenvolvimento de uma educação empreendedora, incentivando os alunos a explorarem o espaço potencial para o empreendedorismo no país.

II. A PEDAGOGIA EMPREENDEDORA NO CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL

2.1 – A RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE PEDAGOGIA FORMAL, INFORMAL E PEDAGOGIA EMPREENDEDORA.

O estudo da pedagogia é um tema extremamente rico, e por ser extenso requer muito conhecimento e pesquisa. Depende não só das gerações passadas, dos desbravadores deste campo, mas também das novas gerações de profissionais que ousarem à produzirem trabalhos e pesquisa com qualidades científicas para dar continuidade ao trabalho já começado.

A pedagogia é reconhecida em suas origens como a ciência da educação. Quando nos detemos a observar livros clássicos de pedagogia, podemos perceber que há pouca divergência entre os autores: quase todos a consideram como sendo ciência da educação. (FRANCO, 2003)

Atualmente, além da Instituição Escolar, notamos grande interesse nas áreas hospitalar e empresarial, além da clínica clássica. Surgida no século XVII, pedagogia tende para um objetivo prático definido, através de meios (processos e técnicas de ensino) eficientes para alcançá-los.

KOMENSKY, considerado Pai da Pedagogia cujo sobrenome foi latinizado para Comenius, recebeu esse título pela descoberta de que o estudante merece cuidados especiais para efetivação de uma aprendizagem mais produtiva e deleitosa.(ARANHA, 2006)

As inovações introduzidas por Comenius nos métodos de ensino influenciaram em grande medida as reformas educativas e as teorias de eminentes pedagogos de séculos posteriores. Constantemente Comenius era chamado a vários países europeus para pôr em prática suas teorias pedagógicas e filosóficas. Estabeleceu-se finalmente em Amsterdã, onde morreu em 15 de novembro de 1670.

Desde então, o ensino transformou-se paulatinamente, retro-alimentado por novas propostas educativas iluminadas, em destaque a do francês Jean Jacques Rousseau no século XVIII, de seus seguidores e de numerosos educadores, mais próximos de nós, auxiliados pela eclosão da Psicologia que confirmou os acertos dos mestres pioneiros.

A Pedagogia é a ciência que *estuda e aplica* doutrinas e princípios visando um programa de ação em relação à formação, aperfeiçoamento e estímulo de todas as faculdades da personalidade das pessoas, de acordo com ideais e objetivos definidos. A Pedagogia também faz o estudo dos ideais e dos meios mais eficazes para realizá-los, de acordo com uma determinada concepção de vida. (HOLTZ, 2006)

A pedagogia está ligada às suas origens na Grécia antiga. Aqueles que os gregos antigos chamavam de "pedagogo" era o escravo que levava a criança para o local da relação ensino-aprendizagem; não era exclusivamente um instrutor, ao contrário, era um condutor, alguém responsável pela melhoria da conduta geral do estudante, moral e intelectual. Ou seja, o escravo pedagogo tinha a norma para a boa educação; se por acaso, precisasse de especialistas para a instrução, conduzia a criança até lugares específicos, os lugares próprios para o "ensino de idiomas, de gramática e cálculo", de um lado, e para a "educação corporal" de outro.

Pela análise desse caminhar histórico percebe-se que a pedagogia conviveu e convive com diversas configurações que demarcaram sutis diferenças em sua abrangência, mas profundas alterações em sua epistemologia. (FRANCO 2003)

A concepção que diz que a pedagogia é a parte normativa do conjunto de saberes que precisamos adquirir e manter se quisermos desenvolver uma boa educação, é mais ou menos consensual entre os autores que discutem a temática da educação. O termo "pedagogia" designa a norma em relação à educação. "Que é que devemos fazer, e que instrumentos didáticos devemos usar, para a nossa educação?" - esta é a pergunta que norteia toda e qualquer corrente pedagógica, é o que deve estar na mente do pedagogo.

Os métodos de ensino sucederam-se uns aos outros, sempre no intuito de apresentar ao aluno uma aprendizagem de acordo com a sua faixa etária. No decorrer do tempo, a Pedagogia, com seus objetivos e currículo pertinentes progredia, sempre direcionada à eficiência e eficácia do ensino, tomando por fim forma de curso, emancipando-se na Europa e nos Estados Unidos.

Hoje ao tratamos a pedagogia como o campo de conhecimentos que abriga os chamados "saberes da área da educação" - como a filosofia da educação, a didática, a educação e a própria pedagogia.

Nos dias atuais o papel da pedagogia dentro das instituições escolares ou não escolares, é de maior importância para todos os níveis da organização, pois a educação como mediadora entre a vivência natural e os conhecimentos sistemáticos

propõe como regra básica de conduta o processo de desenvolvimento da capacidade do ser humano, como algo mutável aos mais diversos aspectos.

E se falar em educação e não incluir a pedagogia como principal fundamento para tal delimitação, então é à hora de procurar caminhos urgentes para humanizar a convivência entre os homens. A Pedagogia confirma um leque extenso de trabalho, e uma cobrança maior ainda sobre o desempenho desse trabalho, responsabiliza-se pelas concepções de processos emancipatórios de cidadania, de autonomia, identitários de naturezas diversas de comunidades ímpares em quaisquer situações de vida de seres humanos.

Sabe-se que o Pedagogo já existia na antiguidade como condutor das crianças até os locais onde eram dados os conhecimentos, e preceptor dos filhos dos fidalgos e grandes senhores.

A Pedagogia nasceu, depois do Pedagogo, como a ciência e a arte da Educação, e tem como objetivo a prática de todos os meios mais eficazes de conduzir o comportamento das pessoas a uma mudança desejável e benéfica para a realização de uma vida mais plena. (HOLTZ, 2004)

E a maneira como são conduzidas as ações para novos caminhos vem abordar a Educação Empreendedora que tem como conceito a relação do cidadão com o preparo para o mundo do trabalho, no intento de disseminar o espírito empreendedor no ambiente escolar.

Dessa maneira observa-se como as ações do processo de ensino e aprendizagem se dão através dos mecanismos inovadores apresentados pelo educador através da interdisciplinaridade, que remete à construção de uma escola com base na participação, fator decisivo na formação do sujeito inserido em seu meio social.

De acordo com JAPIASSU (1995), o interdisciplinar aparece como um princípio novo de reorganização das disciplinas científicas e de reformulação das estruturas de seu ensino, e provoca atitudes de medo e de recusa, por constituir uma inovação.

O chamado ensino tradicional vem sendo considerado inadequado pelos tutores do ensino empreendedor. Torna-se necessário levar em consideração as habilidades individuais requeridas ao empreendedor como autoconfiança, motivação, habilidades técnicas, habilidades para formação de redes de contato, experiência, intuição e percepção de oportunidades, no conteúdo do aprendizado empreendedor.

2.2. EDUCAÇÃO FORMAL

Sabe-se que a educação é uma prática social humana cuja característica é pertinente aos seres humanos, assim como pode ser praticada por todo e qualquer cidadão, em todas as instituições sociais. A educação tem em seus princípios promover o crescimento das pessoas como seres humanos; é processo de humanização. Tornar-se humano significa tornar-se partícipe do processo civilizatório, dos bens que historicamente foram produzidos pelos homens em sociedade e dos problemas gerados por esse mesmo processo.

O ser humano é definido por autores do campo da sociologia, psicologia e da filosofia como ser inacabado tal definição vem dos tempos mais remotos. Também educadores contemporâneos vêm se ocupando em descrever sobre as fases que compreendem o desenvolvimento do ser humano desde o seu nascimento até o término de sua existência.

É quase certo que todos abordam que o ser humano deve conquistar a sua individualidade desenvolvendo e apropriando de suas potencialidades, de forma integral. Portanto, para que isso aconteça é necessário que haja uma ação da condução escolar no sentido de educar, uma vez que ninguém nos pontos nem físico e nem cognitivamente tenha sido coordenado.

As únicas coisas certas na nossa vida são as mudanças constantes. Elas acontecem diariamente e permanentemente, mesmo que não tenhamos consciência delas. As nossas mudanças são inevitáveis e podem acontecer de duas maneiras:

Por maturação - à medida do nosso amadurecimento, nosso crescimento e desenvolvimento natural.

Por aprendizagem - que acontecem nas nossas atitudes e comportamentos, de forma estimulada, provocada, conduzida e dirigida a um fim determinado. (HOLTZ, 2008)

Nesse sentido, a educação tem uma dimensão de continuidade que se traduz na transmissão dos conhecimentos, da cultura e dos valores, e, ao mesmo tempo, de ruptura, ou seja, de produzir e construir novos conhecimentos, novas culturas, novos valores, a partir do avanço do conhecimento.

Sendo assim, a educação formal é ao mesmo tempo, permanência e transformação, em busca de condições para o desenvolvimento humano de todas os sujeitos que nascem, garantido-lhes o usufruto dos bens que a tal chamada civilização proporciona a este indivíduo em vista dos aspectos analíticos e críticos a

fim de que se coloquem como condutores de novas metodologias neste processo de ensino-aprendizagem.

Educação é o processo de formação da personalidade de uma pessoa com todas as influências, boas e más, sofridas nas relações humanas, durante a vida. As boas influências, sempre formam uma personalidade mais saudável, mais equilibrada, mais capaz de administrar e se defender dos efeitos danosos das más influências, que sempre produzem sofrimento, a curto ou longo prazo. (HOLTZ, 2004)

Com a educação formal e o auxílio da pedagogia na introdução dos conhecimentos para o indivíduo, há a necessidade de que se garantam as condições humanas de vida a todos, que assegure os direitos humanos para o coletivo, de sobrevivência, de alimentação, de trabalho, de participação social, de elaboração da lei, de construção da democracia etc. A educação é inerente ao processo de humanização que ocorre na sociedade em geral. Por isso, afirmamos que a educação é uma prática social, histórica e situada em determinados contextos.

Segundo PIMENTA (1998. p.53 apud ZORZO 2004. p.12), diz que:

A educação enquanto prática social humana é um fenômeno móvel, histórico, inconcluso, que não pode ser captado na sua integralidade, senão a sua dialeticidade. Ela é transformadora pelos sujeitos da investigação que se transformam por ela na sua prática social. Cabe aí, na práxis do educador realizar o estudo sistemático, específico vigoroso, dessa prática social, como forma de se interferir consistentemente nessa prática social da educação, cuja finalidade é a humanização dos homens. A esse estudo sistemático denomina a pedagogia, ciência que tem na prática da educação razão de ser – ela parte dos fenômenos educativos para eles retornar.

Nesse sentido, é que pode-se afirmar que a educação é uma práxis social. Estudá-la, analisá-la, compreendê-la, interpretá-la em sua complexidade, e propor outros modos e processos de ser realizada com vistas à construção de uma sociedade justa e igualitária, supõe a contribuição de vários campos disciplinares, dentre os quais o da pedagogia.

Para LIBÂNEO (2005), o que justifica a existência da pedagogia é o fato de esse campo ocupar-se do estudo sistemático das práticas educativas que se realizam em sociedade como processos fundamentais da condição humana. A pedagogia, segundo o autor, serve para investigar a natureza, as finalidades e os processos necessários às práticas educativas com o objetivo de propor a realização desses processos nos vários contextos em que essas práticas ocorrem. Ela se constitui, sob esse entendimento, em um campo de conhecimento que possui objeto,

problemáticas e métodos próprios de investigação, configurando-se como “ciência da educação”.

A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficarem submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele. (DELORS, 2000)

2.3. EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Sendo que a educação formal nasce como local privilegiado de ensino/educação e esta volta-se para a formação do indivíduo em todos os aspectos. Acredita-se que a educação formal sempre está a serviço desta ou daquela ideologia que conduz o homem para produzir conceitos de discernimento sobre sua própria personalidade. Por outro lado, temos a educação que se dá fora desses limites da escola formal. As primeiras comunidades humanas parecem se valer mais desse modelo. O aprendizado vai se dando ao longo do dia e em meio aos fazeres da comunidade.

Nos dias atuais, com milhares de pessoas nas mais diversas comunidades e condições sócio-econômicas diferenciadas, parece quase impossível pensar um povo sem escola, sem espaço formal para educação. Contudo, dado ao surgimento de várias inovações no campo da comunicação, o aprender fora dos muros de uma escola configura-se estar vivo novamente.

Afinal, parece então que estar-se novamente no princípio de uma educação sem escola. Produzida por vários mecanismos e fatores com a internet, na convivência social, na relação do trabalho, no lazer e principalmente no ambiente em que este indivíduo encontra-se inserido. Se a educação formal se dá em local determinado, na escola, a não-formal se dá na vida, no convívio social, nos filmes, na novela. Então, que mesmo a educação não-formal, nos dias de hoje, tem sido

alvo dos que necessitam de inovação, dos que buscam descobrir algo ímpar, dos que desejam se destacar. A informalidade chega a ser uma oportunidade de gerar novos conhecimentos colocando, assim, a questão se é efetivamente informal a educação-não-formal.

Quando trata-se da educação não formal, a comparação com a educação formal é quase que automática. O termo não-formal também é usado por alguns investigadores como sinônimo de informal.

Na educação formal sabe-se que são os professores. Na não-formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interage-se ou nos integra-se. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc.

Sabe-se que na consagrada educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais. Contudo verifica-se que na educação informal seus espaços educativos são sempre demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu, etc.

O compromisso maior da educação não-formal diz respeito à cidadania, pensada em termos coletivos, donde os conteúdos de ensino podem guardar relações com a transmissão do saber historicamente acumulado pela humanidade, como podem também vincular-se aos interesses e necessidades dos grupos aos quais se destinam.

De acordo com GOHN (2007) considera que a educação não formal se fundamenta na solidariedade e atua sobre aspectos subjetivos do grupo, desenvolvendo laços de pertencimento e de ajuda na construção da identidade coletiva de seus integrantes, podendo colaborar para o desenvolvimento da sua auto-estima. Dentre os processos que podem ser desenvolvidos pela educação não formal, a autora destaca:

- a consciência e a organização de como agir em grupos coletivos;

- a construção e a reconstrução de concepção (ões) de mundo e sobre o mundo;
- a contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade;
- a formação dos indivíduos para a vida e para as suas adversidades e não somente com sua habilitação para entrar no mundo do trabalho;
- o resgate do sentimento de valorização de si próprio, a rejeição dos preconceitos e a valorização e o respeito às diferenças.

FERNANDES e GARCIA (2007, p.6) asseveram que por ser uma escolha de iniciativa voluntária, a vivência em espaço de educação não-formal permite a conquista de valores humanos mais positivos, o desenvolvimento da auto-confiança, da construção de identidade e do sentimento de pertença. “Os frequentadores passam a dar valor a si mesmo e a receber validação dos outros”.

Assim sendo, a educação não-formal envolve importantes questões que extrapolam a aquisição dos conhecimentos socialmente valorizados ou a simples instrumentalização das pessoas para o mundo do trabalho. Ela representa uma modalidade diferenciada de ensino, comprometido com a humanização do indivíduo e da própria sociedade.

Educar quer dizer evoluir sem mudar as nossas raízes; pelo contrário, reconhecendo e ampliando as energias que dela emanam. É também despertar a rebeldia, a criatividade, a força de inovação para construir um mundo melhor. Mas principalmente construir a capacidade de cooperar, de dirigir energias para a construção do coletivo. É substituir a lógica do utilitarismo e do individualismo pela construção do humano, do social, da qualidade de vida para todos. (DOLABELA,2003)

2.4 O PAPEL SOCIAL DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA

No passado, acreditava-se que o empreendedorismo não podia ser ensinado. Empreendedores eram indivíduos que possuíam um dom inato, tendo nascido com características especiais que favoreciam o sucesso no mundo dos negócios. Contudo, os resultados de diferentes estudos desenvolvidos ao longo das duas últimas décadas, indicam em outra direção: embora características pessoais possam facilitar a atuação individual à frente de um novo negócio, o processo empreendedor pode, sim, ser ensinado e aprendido.

O sucesso dependerá de vários fatores internos e externos ao negócio, das características pessoais do empreendedor, bem como da sua postura frente aos desafios do cotidiano. Além disso, sabe-se também que a cultura empreendedora pode ser desenvolvida a partir de ações e políticas específicas para este fim.

Segundo SAINI (2001) apud MAMEDE (2004), menciona que uma das questões básicas do desenvolvimento econômico refere-se à promoção do espírito empreendedor na sociedade. Países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento não podem subsistir sem uma considerável população de empreendedores, dispostos a correr riscos, implantar novos negócios, adotar novas tecnologias e competir, gerando empregos e crescimento em suas comunidades. Neste contexto, é interessante notar que o mais forte instrumento para o desenvolvimento da cultura empreendedora na sociedade ainda é a *educação*, e quanto mais cedo se começar a inculcar nos jovens, os valores e o pensamento empreendedor, tanto mais efetivos serão os resultados.

Como sustenta DOLABELA (2003, p. 15), *“a educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura, que tem o poder de induzir ou de inibir a capacidade empreendedora.”*

Como já indicado, a inserção de temas relacionados à atividade empreendedora no programa de ensino das escolas tem se mostrado uma iniciativa bastante adequada para a promoção do empreendedorismo. Há uma percepção de que muito pode ser feito nos anos iniciais de educação formal, no sentido de inculcar e desenvolver valores empreendedores nas crianças e adolescentes.

Segundo LUNDSTRÖM & STEVENSON (2002), programas desta natureza atendem a pelo menos duas necessidades:

- a) o fortalecimento da cultura empreendedora;
- b) a preparação dos jovens para as transformações no mercado de trabalho – mudanças estas que, inevitavelmente, farão com que alguns aspectos do empreendedorismo sejam incluídos à futura experiência profissional deles.

Os primeiros esforços para a introdução da Educação em Empreendedorismo no sistema escolar americano e britânico datam do fim dos anos 1970 e início dos anos 1980 (LUNDSTRÖM & STEVENSON, 2002). Desde a década de 1990, programas nacionais vêm sendo conduzidos pelo governo destes países e várias outras nações têm também seguido este caminho, através da implantação de programas semelhantes no ensino fundamental e médio.

Além das razões previamente consideradas, DOLABELA (1999a; 1999b) relaciona outros motivos que por si só justificariam a disseminação da cultura empreendedora através do sistema de ensino estabelecido. Dentre eles:

- a. Fortalecer valores relacionados à ética e cidadania, fatores estes intrinsecamente ligados ao empreendedorismo;
- b. Aumentar a percepção quanto à importância da PME (Pequena e Média Empresa) para o desenvolvimento econômico;
- c. Reduzir a possibilidade de fracasso entre as empresas nascentes;
- d. Preparar os jovens para atuarem como intraempreendedores (ou empreendedores dentro das organizações);
- e. Aproximar as instituições de ensino, sistemas de suporte e empresas, ainda muito distantes entre si, no contexto brasileiro;
- f. Estimular a auto-realização.

Embora o fenômeno do empreendedorismo seja antigo, o debate em torno do tema atingiu relevância, tanto na discussão acadêmica quanto no âmbito de políticas públicas, apenas nos últimos 20 anos. No Brasil, por exemplo, segundo relata DOLABELA (1999), a primeira disciplina de empreendedorismo de que se tem notícia surgiu em 1981, na Escola Superior de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, por iniciativa do professor Ronald Degen. Com o nome “Novos Negócios”, a disciplina foi desenvolvida com base em pesquisas com empreendedores realizadas pelo autor e ministrada de 1981 a 1987.

À semelhança do que vem ocorrendo em outros países, no Brasil já despontam iniciativas no sentido de levar o empreendedorismo para a sala de aula, e ainda mais, a sala de aula para a casa do aluno.

O projeto “Aprender a Empreender”, resultado de uma parceria entre a FRN - Fundação Roberto Marinho, PBE-Programa Brasil Empreendedor e SEBRAE Nacional, tem levado o ensino do empreendedorismo de maneira dinâmica e criativa a milhares de pessoas, através de um curso composto de 10 programas de TV e um livro texto com os 10 capítulos correspondentes. Além de contribuir para o desenvolvimento da cultura empreendedora, a iniciativa auxilia empreendedores, ou empreendedores em potencial, em relação a aspectos como planejamento, organização, direção e controle dos empreendimentos nascentes (FRM, PBE & SEBRAE Nacional, 2000).

Semelhantemente, o projeto “Oficina do Empreendedor”, criado pelo Prof. Fernando Dolabela, vem sendo aplicado com sucesso em centenas de escolas de segundo grau e universidades (DOLABELA, 1999a). Recentemente, Dolabela e sua equipe, em parceria com a ONG Visão Mundial (World Vision), desenvolveram uma nova metodologia para o ensino do empreendedorismo direcionada a crianças e adolescentes da educação básica. O método, inicialmente testado em 7 cidades brasileiras, envolvendo cerca de 90.000 alunos, de 255 escolas e 3.700 professores, deu origem ao livro *Pedagogia Empreendedora*, lançado em Agosto de 2003, na cidade de Belo Horizonte (DOLABELA, 2003).

A partir de então considera-se necessário a apresentação do empreendedorismo na instituição escolar de forma a trabalhar as habilidades tanto dos educandos como dos educadores para que se possam utilizar de tais mecanismos na construção de um ideal coletivo onde as únicas exigências são as iniciativas, criatividade, dinamismo para conhecer o ambiente a ser realizado a atividade, a planejar e estudar os meios para concretização de tal desejo, procurando sempre as melhores e maiores probabilidades de acertos.

Na *Pedagogia Empreendedora*, a comunidade participa ativamente como educadora e como educanda. Ela é a fonte e o destino da educação. Para a construção do coletivo, porém, a educação deve reconhecer e preparar individualidades capazes de, dialeticamente, “refazer” a realidade que não mais atende aos interesses da coletividade. Por isso, é imprescindível que o educando desenvolva uma relação com a realidade que seja questionadora e reflexiva.

A *Pedagogia Empreendedora* propicia um ambiente para a construção conjunta do conhecimento, e não para sua transferência linear; um ambiente de preparação para a vida, e não de formação para um emprego, uma ocupação funcional. Proporciona condições favoráveis para o educando e para o educador desenvolver o sentimento de competência e fortalecer a auto-estima advêm da sua imersão em um sistema de aprendizagem que tenha como eixo as relações que ele estabelece consigo mesmo e com o mundo, possibilitando uma formação significativa, que leva em conta suas bagagens existencial, cognitiva, afetiva, social.

Ao se reconhecer fortalecido em sua individualidade e perceber que, pela construção e realização de seu desejo, poderá simultaneamente protagonizar ações para o desenvolvimento da comunidade à que pertence, o indivíduo se constitui como ser autônomo capaz de cooperar e liberar sua força criadora.

O propósito da Educação Empreendedora mais explicitamente ao afirmar que deve ter uma função mais ampla, a de libertar o potencial empreendedor do educando e do educador para além da abertura de empresas ou da criação de atividades autônomas, e não apenas atender a objetivos de capacitação para a área técnico-empresarial.

A Educação Empreendedora visa, pois, à formação de ação empreendedora caracterizada pela capacidade de construir conhecimentos novos a partir de conhecimentos precedentes, tornando-se, assim, de utilidade não só para empreendedores, mas também para todas as pessoas ligadas a outros ramos de atividade. O que se busca é gerar atitudes e ações empreendedoras nos alunos, características essas úteis a todos.

2.5. A INSTITUIÇÃO DE ENSINO COMO MEDIADORA DA AÇÃO EMPREENDEDORA

A educação empreendedora é fundamental para qualquer país que deseja se desenvolver. Sabe-se hoje que a capacidade empreendedora é condição necessária para o desenvolvimento humano, social e econômico.

No âmbito do indivíduo o conhecimento técnico e científico nunca foi tão indispensável e ao mesmo tempo tão insuficiente para promover e sustentar, sozinho, a inserção no mundo do trabalho.

A prática do empreendedorismo mostra-se cada vez mais freqüente no Brasil como opção de carreira, frente às dificuldades socioeconômicas que assolam o país e reduzem as oportunidades para aqueles que querem ingressar no mercado de trabalho. Empreender significa modificar a realidade para dela se obter a auto-realização e oferecer valores positivos para a coletividade. Quanto maior o grau de escolaridade de um povo, maior o nível de emprego e renda e maior a possibilidade de empreender por oportunidade.

Nesse sentido, educar implica despertar a rebeldia, a criatividade, a força da inovação para construir um mundo melhor. É substituir a lógica do utilitarismo e do individualismo pela construção do humano, do social, da qualidade de vida para todos. (DOLABELA 2003)

A escola como aparelho reprodutor da sociedade apresenta para seus educandos o tema como sendo uma característica de indivíduos, é compreensível que o empreendedorismo esteja proximamente relacionado à cultura e educação. Por conseguinte, pode-se facilmente observar o potencial para o desenvolvimento/fortalecimento de uma cultura empreendedora a partir da utilização do sistema educacional estabelecido.

Embora diferentes iniciativas nesse sentido já estejam sendo conduzidas em vários países, no Brasil tais esforços estão apenas começando. Apesar das evidentes dificuldades envolvidas na implementação de um projeto de tal natureza e envergadura, existem razões que justificam o esforço nesta direção. As mais relevantes, se referem à preparação da geração atual para as transformações no mercado de trabalho e na estrutura industrial, que continuarão limitando as possibilidades existentes dentro do modelo “emprego-salário”. Além disto, sabe-se que iniciativas voltadas à Educação em Empreendedorismo têm o potencial de contribuir para o aumento da atividade inovadora e do crescimento econômico, ambos bastante desejáveis em qualquer contexto.

Segundo a legislação brasileira, as pessoas devem ser educadas para práticas sociais e para o mundo do trabalho. Nesse sentido, os indivíduos também devem ser educados com as novas habilidades e competências para o mundo do trabalho, inclusive quanto às práticas comunitárias de associativismo e empreendedorismo. Nesse relacionamento entre a sociedade e o mundo do trabalho, as grandes empresas não só se beneficiam dos conhecimentos que as pessoas adquirem no sistema de ensino. Elas podem contribuir muito com a sociedade, principalmente quanto ao aprendizado da vida comunitária.

Dessa maneira tal temática, incorpora-se nas atuais diretrizes gerais e orientadoras da proposta curricular as quatro premissas apontadas pela UNESCO como eixos estruturais da educação na sociedade contemporânea: (RECNEP)

- Aprender a conhecer

Considera-se a importância de uma educação geral, suficientemente ampla, com possibilidade de aprofundamento em determinada área de conhecimento. Prioriza-se o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, considerado como meio e como fim.

Meio, enquanto forma de compreender a complexidade do mundo, condição necessária para viver dignamente, para desenvolver possibilidades pessoais e profissionais, para se comunicar. Fim, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

O aumento dos saberes que permitem compreender o mundo favorece o desenvolvimento da curiosidade intelectual, estimula o senso crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição da autonomia na capacidade de discernir.

Aprender a conhecer garante o aprender a aprender e constitui o passaporte para a educação permanente, na medida em que fornece as bases para continuar aprendendo ao longo da vida.

• Aprender a fazer

O desenvolvimento de habilidades e o estímulo ao surgimento de novas aptidões tornam-se processos essenciais, na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento das novas situações que se colocam. Privilegiar a aplicação da teoria na prática e enriquecer a vivência da ciência na tecnologia e destas no social passa a ter uma significação especial no desenvolvimento da sociedade contemporânea.

• Aprender a viver

Trata-se de aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento do outro e a percepção das interdependências, de modo a permitir a realização de projetos comuns ou a gestão inteligente dos conflitos inevitáveis.

• Aprender a ser

A educação deve estar comprometida com o desenvolvimento total da pessoa. Aprender a ser supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida. Supõe ainda exercitar a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação, para desenvolver os seus talentos e permanecer, tanto quanto possível, dono do seu próprio destino.

Aprender a viver e aprender a ser decorrem, assim, das duas aprendizagens anteriores – aprender a conhecer e aprender a fazer – e devem constituir ações permanentes que visem à formação do educando como pessoa e como cidadão.

Sendo assim tal pragmática, deve-se levar em conta para a construção de um cidadão crítico e emancipatório, dentro do ambiente educativo e fora dele, pois a Pedagogia Empreendedora procura promover conceitos onde o educando e o educador desenvolvam suas habilidades que são praticamente ilimitadas, pois embora tenham modo de agir distintos individualmente, podem assim mesmo atingir objetivos únicos quando em grupo.

A Pedagogia Empreendedora apresenta cinco pilares dos quais aliados à educação concebe ao educando e educador empreendedor como alguém que *sonha e busca transformar o seu sonho em realidade*. Ela redefine o conceito de sucesso, abordando-o não como a conquista de algo material, ou que seja definido através de valores externos ao indivíduo, mas como a capacidade de buscar persistentemente a realização do sonho. O fracasso só existe diante de uma situação: a desistência.

Sendo assim tais pilares são:

- Conceito de si; Aprender a ser;
- Liderança e energia; Aprender a fazer;
- Rede de relações; Aprender a conviver;
- Conhecimento do setor; Aprender a conhecer;
- Aprender a empreender; Aprender a sonhar.

Assim para desenvolver a pedagogia empreendedora no âmbito educacional, vale ressaltar que os trabalhos coletivos fundados na aceitação do outro, na liberdade, no processo de negociação para o consenso no que diz respeito a decisões relativas à construção do futuro provavelmente inspirarão o surgimento de empreendedores que terão como desejo a realização do bem comum.

Do mesmo modo, ensejarão desejos individuais de contribuição para a coletividade aquelas sociedades que construíram e desenvolveram conhecimentos sobre si mesmos e sobre o mundo, que estimularam as manifestações coletivas da emoção e da capacidade de eficácia ao trabalho em comum, do humor e da aventura, das crenças e da esperança, e que, ao cultivar o passado, preparam-se para a reinvenção do futuro, para a construção do novo.

Em contrapartida, comunidades que não geram auto-estima coletiva, que não constroem valores compatíveis com suas raízes e adequados à sua própria evolução, que não elegem o coletivo como objeto central da sua construção humana, social e econômica, que confundem individualidade com individualismo,

que perdem a capacidade de se indignar diante de desigualdades gritantes de condições de renda, conhecimento e poder, provavelmente continuarão a produzir em seus integrantes a capacidade de construir sonhos voltados para a conquista e proteção de espaços e poderes diferenciados e para a preservação de divisórias sociais que garantam as conquistas individuais.

O trabalho coletivo entre escola e seus atores inclusos é a visão de futuro de uma comunidade. Representa a vontade coletiva construída através da interação que respeita a legitimidade do outro, que acolhe, dá coerência e unicidade às diversas vontades individuais.

Deve-se debater hoje, em termos de relevância da educação e da necessidade de contribuir para capacitar os jovens para lidarem com incertezas, valores e estilos de vida de modo que, embora as disciplinas básicas estejam centradas uma em cada corpo de seus saberes disciplinares, a qualidade educativa depende de como se compreenderá a conservação e a coexistência com o ambiente natural através das práticas de desenvolvimento sustentável estabelecidos pela Unesco. Assim, a qualidade de vida se converte “no valor fundamental que orienta o desenvolvimento de cada comunidade e o projeto de vida de cada pessoa” (LEFF, 2001).

Sendo produto de pacto comunitário, o trabalho empreendedor coletivo será capaz de provocar mudanças nos valores e crenças, na capacidade de organização e nas práticas coletivas que caracterizam aquela comunidade. Pode ocorrer que, em determinado momento, uma comunidade não tenha formulado seu sonho coletivo. Pode acontecer que sonhos realizados no passado não tenham sido renovados e substituídos. Pode ser que obstáculos intransponíveis na tentativa de realização de tal manifestação empreendedora coletiva se tenham cristalizado na memória da comunidade, diminuindo sua auto-estima e conduzindo-a a um processo de estagnação e desistência, que é igual a fracasso. Pode ser que, pelo vazio de empreendedores, a comunidade não tenha se reinventado. Seja qual for à situação, será tarefa de todos os seus.

III. RELATO DA EXPERIÊNCIA DA AÇÃO EMPREENDEDORA NO BAIRRO DA PAZ NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA

3.1 – CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

A localidade ao qual foi desenvolvida tal proposta pedagógica, no intuito de atingir o objetivo de disseminar a cultura empreendedora, como destacado anteriormente, é denominada Bairro da Paz, conhece-se o suficiente a respeito de tal fonte de pesquisa para apresentar características específicas da atual realidade.

Segundo a lei municipal 1797/2005, sancionada em sete de julho de 2005, dá explicações práticas, precisas e necessárias quanto ao limite de domínio da comunidade denominada Bairro da Paz. Sendo assim, torna-se importante apresentar aspecto no qual fazem parte da localidade.



"DISPÕE SOBRE A CRIAÇÃO DO BAIRRO DA PAZ E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS".

Faço saber que a CÂMARA MUNICIPAL DE ITAITUBA, Estado do Pará, aprovou, e eu, ROSELITO SOARES DA SILVA, PREFEITO MUNICIPAL DE ITAITUBA, sanciono e publico a seguinte Lei:

Art. 1º Fica criado o BAIRRO DA PAZ, que limita-se pela frente, com a margem esquerda da Rodovia Transamazônica, sentido crescente, (Itaituba/Jacareacanga), lado direito com eixo da 8ª (oitava) Rua do Bairro São Francisco lado esquerdo com a Chácara do Sr. José Estevão e fundos com Igarapé Bom Jardim.

PARÁGRAFO ÚNICO: DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO.

- O Perímetro demarcado inicia-se na estação P-01 à margem esquerda da Rodovia Transamazônica (Itaituba/Jacareacanga) com eixo da 8ª Rua do Bairro São Francisco, definida pela coordenada geográfica da Latitude 04°15'11,064" Sul e Longitude 56°0'12,863" Oeste, Elipsóide SAD 69 e pela Coordenada plana UTM 9.529.826,000m Norte, 610.580,000m Leste, referida ao meridiano central 57 WGr; desta, segue pelo eixo da 8ª Rua do Bairro S. Francisco com azimute plano de 219°56'48", e distância de 1.091,77 metros até a estação P-02 à margem esquerda do Igarapé Bom Jardim; desta, segue subindo à margem esquerda do Igarapé Bom Jardim com azimute plano de 339°16'50" e distância de 1.189,96 metros até a estação P-03; desta saindo da margem do Igarapé Bom Jardim segue com azimute plano de 3°42'45" e distância de 262,55 metros limitando-se com Terras do Sr. Estevão até a estação P-04 na Rodovia Transamazônica; desta, segue pelo eixo da Rodovia Transamazônica com azimute plano de 98°58'41" e distância de 544,67 metros até a estação P-05; desta, segue ainda pela Rodovia Transamazônica com azimute plano de 128°37'22" e distância de 725,74 metros até a estação P-01, ponto inicial da descrição deste perímetro.



Art. 2º A Prefeitura Municipal de Itaituba, tomará a seu encargo a identificação do referido BAIRRO fixando placas com o nome mencionado no art. 1º, divulgando o mesmo no Mapa da área Urbana.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogada as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal, aos sete dias do mês de julho ano de dois mil e cinco.

ROSELITO SOARES DA SILVA
Prefeito Municipal

Esta Lei foi registrada e publicada, na Secretaria Municipal de Administração, na mesma data.

WÂNEA AZEVEDO TERTULINO DE MORAIS
Secretária Municipal de Administração

Dados: Câmara Municipal de Itaituba (2005)

Figuras 01 e 02: Lei Municipal nº 1797/2005 que dispõem sobre a criação do Bairro da Paz

O Bairro da Paz foi fundado no mês de abril do ano de 2001, através de uma invasão isolada, que logo após disseminou e sua repercussão foi bem progressiva. No início o primeiro morador foi o Sr. conhecido como Trute e outras famílias que somavam-se aproximadamente 15 grupos. Após quatro anos, a comunidade registrou o espaço territorial urbano, com tal denominação que já fora citada e hoje já conta com uma população de quase dois mil habitantes.



Dados: LIMA (2008)

Foto 01: Via de Entrada para o Bairro da Paz

Nesse sentido as pessoas buscavam melhores condições de vida, no entanto, cabe ressaltar que estes ainda vivenciam uma realidade precária, haja vista que o local ainda não existe uma infra-estrutura adequada.

A comunidade é formado por quatro grandes ruas, dentre elas somente uma é asfaltada, sendo a rua em que está localizada a escola da rede municipal –“Gilda Lima do Carmo”, que foi construída neste ano de 2008, e que funciona em três períodos com turmas de alfabetização, ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Existem também duas igrejas uma da religião católica e outra da religião protestante.



Dados: LIMA (2008)

Fotos 02 e 03: Ruas da localidade investigada



Dados: LIMA (2006/2008)

Foto 04: Antigo local onde funcionava a Escola do Bairro

Foto 05: Atual prédio da Escola professora Gilda Lima do Carmo

Vale ressaltar que apesar deste avanço social, o bairro ainda não possui um posto de saúde, sendo que a comunidade necessita deslocar-se para o bairro mais próximo do km 05. Hoje o atual presidente da associação dos moradores é o Sr. Raimundo Neres que foi reeleito pela comunidade já desenvolvendo tal atividade por cerca de quase quatro anos e seu vice é o líder conhecido pela alcunha de “Fininho”. Importa mencionar ressaltar que durante a pesquisa in loco sobre a pedagogia empreendedora teve-se o apoio incondicional de uma moradora que tem bastante influência no espaço investigado a Sr^a Isabel Leal de Alcântara que também é coordenadora da pastoral da criança



Dados: LIMA (2006)

Foto 06: Sr^a. Isabel Leal de Alcântara - Moradora do bairro

É importante colocar que através de uma observação pessoal em relação aos trabalhos da comunidade, verificou-se que todos os comunitários são unidos em busca de um bem comum, e que tudo que foi desenvolvido a respeito de crescimento urbano é coordenado de forma organizada, voltado sempre para as reais necessidades da comunidade como um todo.

3.2 – EXPERIÊNCIA DA AÇÃO EMPREENDEDORA

A pedagogia relacionada ao empreendedorismo apresenta as habilidades como propostas para fomentar um processo avaliativo que considere não somente a apreensão de conteúdos sistemáticos, mas também o desenvolvimento pleno do indivíduo para a vida sócio-econômico-cultural do contexto ao qual fazem parte.

O conhecimento é visto neste processo de capacitação de multiplicadores da cultura empreendedora, como resultado da construção dos próprios indivíduos, através da interação do sujeito com o mundo, considerando suas experiências, sua interação social, os fatores biológicos e os processos de equilíbrio e desequilíbrio nessa construção. O indivíduo é o agente ativo e responsável por seu próprio desenvolvimento.

“É essencial que o aprendizado seja insistentemente contextualizado. Um traço característico do empreendedor é sua capacidade de desenvolver métodos próprios de aprendizado. Repousa neste componente a dinâmica de sua evolução, ou seja, a capacidade de aprender no desenvolvimento da ação e com ela, no seu próprio ritmo, adquirindo condições de intervenção em tempo real e alto poder de antecipação e previsão”. (DOLABELA 1999 a,p.120)

Sendo assim o trabalho que serviu de referência para tal proposta, foi exigido a partir da disciplina Princípios Metodológicos da Administração II, ministrada pela professora Maria Elenilda Fideles Rodrigues, ao qual, exigia em seu conteúdo avaliativo a oferta da Pedagogia Empreendedora como subsídio em um projeto social, e que foi aplicada com sucesso na localidade do Bairro da Paz onde envolveu cerca de 50 pessoas dentre elas, 30 mulheres do bairro em questão, todas mães de famílias sem emprego fixo e renda pré-estabelecida, juntamente com os acadêmicos e corpo docente e administrativo da Faculdade de Itaituba.



Dados: LIMA (2006)

Foto 07: Orientadora do Projeto Social: Professora Maria Elenilda Fideles Rodrigues

Primeiramente foi feita uma visita ao espaço investigado, no intuito de verificar as possibilidades de desenvolver tal atividade e promover a ação de forma prática e eficaz. Utilizou-se de um questionário para analisar o que poderia ser ofertado a tal clientela, e aplicar assim o projeto social.



Dados: LIMA (2006)

Foto 08: Equipe acadêmica no local da pesquisa

Tal projeto denominou-se como título de “Mãos da Paz”, onde foi ofertado um curso de capacitação profissionalizante de pintura em tecido, pátina, texturas e pinturas especiais apresentado pelos acadêmicos que norteavam as atividades a partir dos fundamentos da Pedagogia Empreendedora onde o agente da educação empreendedora é o professor, pois é ele que prepara um ambiente favorável para o aluno construir seu próprio saber empreendedor.



Dados: LIMA (2006)

Foto 09: Barracão comunitário onde foi desenvolvido, executado e concluído a proposta da Pedagogia Empreendedora

O curso supra citado foi mediado por duas acadêmicas dentre elas a que vos reporta, e como suporte obteve-se a colaboração dos demais componentes da equipe, além de ter sido orientado pela professora da disciplina com o apoio da coordenadora do curso de Pedagogia Professora Reuma de Sá Almeida Barros.



Dados: Cedido pela Faculdade de Itaituba

Foto 10: Coordenadora do Curso de Pedagogia - Professora Reuma de Sá Almeida Barros

A atividade voltada para a arte em pintura, como atrativo do empreendedorismo, foi executada durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2006 com uma carga horária de 30 horas, onde foram apresentadas noções básicas sobre as técnicas de pintura e o uso dos elementos que fazem parte da oficina.



Dados: LIMA (2006)

Foto 11: Clientela em aprendizado das primeiras técnicas

Foto 12: Clientela desenvolvendo a arte em pinturas



Dados: LIMA (2006)

Foto 13: Aluna desenvolvendo técnica de auto-relevo na pintura em tecido

Foto14: Aluna apresentando trabalho concluído

Observou-se que durante a proposta, o maior foco do aprendizado foi as relações que o individuo estabelece consigo mesmo e com o mundo, havendo, portanto mudança continua dos conteúdos e também, principalmente do próprio ser do aluno - no caso as mães - no processo de contribuição do conhecimento.



Dados: LIMA (2006)

Foto 15: Clientela recebendo orientações nas atividades de pintura em pátina e pinturas especiais

Foto 16: Apresentação do trabalho concluído pela aluna



Dados: LIMA (2006)

Foto 17: Explicações sobre a aula ministrada



Dados: LIMA (2006)

Foto 18: Apresentação das misturas das cores e os nuances propostos

Foto 19: Coordenação dos trabalhos pela equipe acadêmica

Vale ressaltar que a educação empreendedora dirige a cada educando individualmente porque o ensino igual para todos não leva em conta as diversidades individuais representadas nos mais diversos aspectos e origens.

A educação partida da ação empreendedora é um dos caminhos encontrados para a criação de um ambiente que estimule comportamentos sociais voltados para o desenvolvimento da capacidade de geração do próprio trabalho. O desafio desta educação empreendedora é construir um ambiente favorável à criação de uma cultura empreendedora, que passa pela formação de agentes de estímulo ao empreendedorismo.

São estes agentes os responsáveis por introduzir o empreendedorismo nas diferentes esferas da educação tradicional, transformando ambientes, conteúdos e, principalmente, formas de relacionamento entre o aprendiz, o mestre e o ambiente.

O professor como agente estimulador do empreendedorismo é vital para o enriquecimento das relações no tecido econômico, permitindo o surgimento de maiores oportunidades de inserção de pessoas e novos empreendimentos na atividade econômica. Ao mesmo tempo em que o ambiente suporta as relações empreendedoras, se beneficia com a ação voltada à criação de novos negócios, gerando um ciclo virtuoso capaz de beneficiar a sociedade e economia em conjunto.



Dados: LIMA (2006)

Foto 20: Orientações acerca do trabalho proposto

Verificou-se que a partir da introdução de conteúdos diferenciados, estes caberiam como estímulo para validar o surgimento de novos empreendedores, por meio de um processo de capacitação sob a ótica de uma nova pedagogia, a que apresenta o conhecimento empírico e assistemático como prática social instigadora capaz de atribuir significados e valores construtivos.

Atribui-se também que a capacidade de aprender e sua prática (comportamento) não necessariamente podem refletir aquilo que a pessoa aprendeu (conhecimento), muito menos ser avaliado como um reflexo exato do que poderia ter desempenhado em condições ideais (capacidade). Do ponto de vista pedagógico, tal aprendizagem pode ser:

"aquisição de conhecimentos pela experiência ou atividades intelectual, geralmente com o fim de se poder realizá-los ou pô-los em prática; aquisição da capacidade de fazer, praticar ou empreender um ato, ação ou qualquer coisa; aquisição da capacidade técnica de exercer uma profissão; ensino dado a alguém, especialmente a um aluno, com a finalidade de fazê-lo atingir um objetivo". (MOURA E SILVA, 2000, p.5)

A ação empreendedora é por um lado fruto do desenvolvimento social, por outro lado esta ação contribui com o desenvolvimento da sociedade, ao introduzir inovações, ao satisfazer demandas específicas e ao tornar mais densas a rede de relações dos mais distintos segmentos e esferas.

Vale ressaltar que ao longo deste processo de ação empreendedora, houve uma participação maciça quanto ao compromisso entre mediadores e alunado, levando em conta a habilidade e inovações de cada pessoa ali inserida. Sendo assim a oficina profissionalizante concluiu suas atividades com uma programação que envolveu todos os atores interessados na proposta empreendedora com a entrega de certificados devidamente registrados como extensão do curso de pedagogia da FAI, onde as mães do bairro foram contempladas e destacaram suas peças artísticas criadas durante a oficina profissionalizante.



Dados: LIMA (2006)

Fotos 21 e 22: Entrega de certificados da Oficina Profissionalizante pelos acadêmicos do curso de pedagogia da FAI as concluintes do curso



Dados: LIMA (2006)

Fotos 23, 24, 25 e 26: Entrega de certificados da Oficina Profissionalizante aos acadêmicos do curso de pedagogia da FAI.



Dados: LIMA (2006)

Fotos 27: Equipe acadêmica e professores da Faculdade de Itaituba e moradores do bairro da Paz

Procurou-se estimular o alvo investigado a partir do desejo de mudança quanto ao aprendizado e a resposta que este traria para tal investimento. Pois partindo da interdisciplinaridade que ultrapassa as disciplinas, constatou-se que seu objetivo permanece dentro do mesmo quadro de referência da pesquisa disciplinar, onde a Pedagogia Empreendedora parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma exaustiva. O que caracteriza a atitude é a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício construção do conhecimento.

3.3 - RESULTADOS ALCANÇADOS NA AÇÃO EMPREENDEDORA

A proposta da Pedagogia Empreendedora nasceu a partir da minha prática como mediadora da ação empreendedora, onde constitui-se a vivência específica dentro desse tipo de concepção pedagógica, tanto desenvolvendo o requisito do

projeto social antes abordado, como promovendo o conhecimento empreendedor para o alvo investigado no qual serviu de referência.

Por outro lado, constatei a existência de opiniões obtusas a esse tipo de educação, emitidas por pessoas que desconheciam a proposta em si ou que defendiam um ideário que, para elas, não era compatível com o planejamento empreendedor. Minha prática, no entanto, levava-me a supor que, na realidade, tais divergências eram mais aparentes que reais.

JAPIASSU (1995), afirma que: Não cultivar o gosto pelo "porto seguro" ou pela certeza do sistema, porque nosso conhecimento nasce da dúvida e se alimenta de incertezas"

Meu trabalho nesta investigação se baseou, de forma abrangente, na observação e estudo de um dos projetos desenvolvidos durante o curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia. Foi uma atividade programada e executada no quarto período do curso e que movimentou uma gama de atores interessados em tal temática, em parte, a própria estrutura técnica e administrativa da FAI.

Em tal proposta pude, pela primeira vez, conhecer o rico potencial de evidências em que a Educação Empreendedora aborda, de tal forma que me levaram ao desenvolvimento de habilidades e competências no estudo em nível de graduação na área estudada.

Contudo após o contato direto com tal ação pedagógica o grupo acadêmico concluiu seu trabalho e somente no ano de 2008 com a revisão desta atividade, houve a necessidade de colocar-se em disposição para averiguar se a disseminação da cultura empreendedora foi aceita e continua pelos integrantes antes apresentados.



Dados: LIMA (2008)

Fotos 28: Visita in loco ao bairro da Paz

Segundo a Constituição Federal no Art. 5º, capítulo XIII reza o seguinte:

É livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;

Assim tal atividade vivenciada no âmbito do indivíduo constatou que o conhecimento técnico e científico, apesar de desempenhar papel cada vez mais fundamental, não é suficiente para sustentar, sozinho, a conexão como o mundo do trabalho. E as oportunidades apresentadas devem ser agarradas e exploradas de maneira íntima para que a busca pelo conhecimento contínuo, processual e oportunizador seja reconhecida como característica peculiar do empreendedor em questão.

As mudanças tecnológicas, econômicas e culturais apontam para a necessidade de a educação transformar o modo de pensar e aprender o mundo. [...] Alterações estruturais no mercado de trabalho têm tornado cada vez mais difícil o processo de inserção profissional, num mercado cada vez mais competitivo (DUARTE et al., 2004, p. 1).



Dados: LIMA (2008)

Fotos 29 e 30: Produção de trabalhos manuais após o estudo relativo as técnicas abordadas.

Não podemos ter a ilusão que a carteira de trabalho assinada ainda é um objetivo a ser atingido pelas pessoas de forma abrangente. Por isso a Educação Empreendedora veio para poder proporcionar a estes indivíduos a possibilidade de poderem obter seus sustentos por si mesmos. Além do mais, a Educação Empreendedora prepara a pessoa para ser um cidadão, ser crítico, proativo e

gerador de novos conhecimentos, não apenas construir seus conhecimentos, mas gerar também. Dessa maneira eles serão empreendedores em qualquer situação.

Conforme DOLABELA (2003, p. 26). Ao reafirmar a necessidade que o empreendedor tem de continuar aprendendo sempre a partir de conhecimentos acumulados com a experiência, define-o como:

[...] alguém capaz de gerar novos conhecimentos a partir de uma dada plataforma, constituída por 'saberes' acumulados na história de vida do indivíduo e que são os chamados "quatro pilares da educação" - aprender a saber, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser -, constantes do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI.

Sendo assim após toda essa investigativa ficou claro que a condução de tais mecanismos favoreceram o aprendizado das pessoas que desejavam conhecer o "novo", e tornassem empreendedores bem sucedidos que é o ideal perseguido pela Educação Empreendedora.



Dados: LIMA (2008)

Fotos 31 e 32: ex-alunas ministrando cursos de pintura em tecido dentro da comunidade

Sabe-se que a proposta executada no ambiente não escolar trouxe bons frutos para os colaboradores da atividade colocada. É importante mencionar que algumas das mães que participaram da oficina procuraram conhecer novas técnicas e desenvolver suas habilidades específicas gerando além da renda financeira, motivação, dinamismo, auto-conhecimento, perseverança, imaginação, inovação e criatividade características primordiais para se obter sucesso na formação empreendedora.

CONCLUSÃO

Com a chegada da globalização e das mudanças nos cenários econômicos mundiais exigiu-se das comunidades organizadas, novas estratégias para desenvolver atividades diferenciadas e também enfrentar a queda no número de empregos tradicionais e a inserção de novas pessoas ao mercado de trabalho.

Observou-se que o empreendedorismo foi primeiro identificado por estudiosos como um elemento útil para compreender o desenvolvimento administrativo e econômico. Subseqüentemente, a pedagogia introduziu em suas vertentes a compreensão do empreendedor como uma pessoa, contudo, o campo está atualmente no meio de uma explosão, a qual está espalhada dentro da educação tanto formal como não formal.

Este trabalho centrou seus objetivos na estruturação de uma proposta de capacitação de agentes multiplicadores da cultura empreendedora, capazes de estimular em suas ações comportamentais que denotem características vinculadas ao movimento chamado pedagogia empreendedora. Contextualizando os resultados obtidos deste trabalho, foi possível chegar as seguintes conclusões:

Quanto à identificação das características do processo de aprendizagem dos empreendedores, fundamentados nos conceitos básicos da pedagogia empreendedora, verificou-se que é possível reconhecer que através do estímulo o indivíduo produz conseqüentemente a cultura da ação supra citada através de iniciativas individuais e coletivas, que conduzem assim a capacidade de geração do próprio trabalho.

Quanto à proposta salientada através da oficina de pintura em tecido e texturas em madeira, concluiu-se que a aplicação dos conceitos identificados à tal situação, proporcionou a capacitação de multiplicadores da cultura empreendedora e permitiu a introdução de mecanismos metodológicos abrangentes as ações interativa reproduzindo assim tal trabalho sendo reconhecido de forma abrangente, criando assim agentes multiplicadores que são indivíduos fundamentais no processo de disseminação da cultura empreendedora.

Sendo assim, este estudo demonstrou que tais elementos que irão proporcionar potenciais empreendedores mantenham contato mais cedo e de forma mais consistente com o movimento do empreendedorismo, ajudando o

desenvolvimento de suas visões de negócios, criando redes de parceria e ajudando no planejamento de novos empreendimentos.

Quanto às perspectivas para trabalhos futuros, concluiu-se que todo o incentivo apresentado durante a experiência empreendedora, juntamente com o desejo de transmitir tais conhecimentos anteriormente adquiridos permitiram a geração de novas atividades para a realização de trabalhos futuros, onde o indivíduo antes estudado, agora propicia o seu conhecimento através de estudos que possibilitem explorar, principalmente, o conceito da cultura empreendedora.

Compreende-se também que o conhecimento direcionado a partir da Pedagogia Empreendedora conduz o indivíduo a preparar-se de forma estratégica e planejada, instigando sua habilidade e determinação no propósito de redefinir o conceito de sucesso, abordando-o não como a conquista de algo material, ou que seja definido através de valores externos ao indivíduo, mas como a capacidade de buscar persistentemente a realização da proposta enunciada. O fracasso só existe diante de uma situação: a desistência, e o empreendedorismo vem sendo a mola mestra para transformar o cenário atual diante de tais expectativas.